

29 SET 1991

JORNAL DO BRASIL

Terazil

praticou a mesma saída. Despediu-se definitivamente da janela. Buscou a Diferença. O Corpo. Isso me parece fundamental em seu trabalho. Teoricamente impecável, apaixonada pelos livros e pela vida, seu discurso fazia-se tanto mais crítico, quanto mais conhecia a face de seus pacientes. Nise acompanhou amorosamente o drama de alguns homens, cujo corpo e cuja história buscava resgatar. Importava abrir, ao menos, uma janela que desse para o mundo, para a expressão do desejo. As palavras de Octávio, interno do hospital, deixa isso bem claro: "O muro é muito bonito para quem passa do lado de fora. Mas para quem está aqui dentro é horrível. O muro não deveria ser assim, deveria ter algumas aberturas." O ponto alto da obra de Nise da Silveira foi justamente o fato de propiciá-las. Na delicada comunicação com o outro (a "emoção de lidar"). Não conheço outro livro de "psiquiatria" tão admirável quanto o *Imagens do Inconsciente*, aliando a um só tempo rigor e intuição. Livro, que, ao invés do "caso clínico", opta pela biografia. Deixa de lado o prontuário e recorre ao diálogo, cheio de riscos, e, todavia, mais caloroso. Abandona a etiqueta das doenças mentais e reequaciona os "estados do ser". Um

livro aberto (na acepção de Binswanger), generoso. Sofrido integralmente. Passo a passo. Memórias e reflexões inseparavelmente conjugadas.

Nise da Silveira celebra, afinal, a grande paixão que anima toda sua obra, o alto emblema de suas viagens e escavações: a unidade. Se o *Inconsciente* de Freud (e sobretudo o de Jung), representou para ela um corte profundo e uma guinada real no estudo da loucura; se a *Substância* de Spinoza emprestou-lhe um estofo de ilimitado conhecimento (*Deus sive Natura*), fascinante e compacto; a obra de Antonin Artaud abriu-lhe definitivamente um horizonte sem par. No universo das imagens, Nise da Silveira segue a aventura da unidade: a infinita para Spinoza; árdua para Jung; dramática para Artaud. Assim, quando se destramam as raízes do ser, na selva escura da psique, quando a consciência submerge em noite densa, quando tudo parece perdido, perdura o fio sutilíssimo, quase imperceptível, da unidade. Mas como isso ocorre? A resposta de Artaud é certeira: "Ter o sentido da unidade é ter o sentido da anarquia e do esforço para reduzir as coisas, reconduindo-as à unidade." Este é o percurso de Nise da Silveira.

O *Imagens do Inconsciente* segue o drama dessa tensão, o esforço e a redução de que fala Artaud. O labirinto da loucura, com suas paredes espessas e opacas, tem sido o principal desafio de Nise da Silveira, pronta para surpreender no olhar de Fernando, nos desenhos de Adelina, no rosto de Emygdio e, sobretudo, no silêncio de Carlos Pertuis, a saída, o caminho de volta, o brilho secreto e fugaz da unidade.

Nise e seus colaboradores abriam um horizonte notável: um salto de conhecimento

A Bolsa ou a morte

O incremento do mercado de capitais é a única saída para impedir uma deterioração ainda maior da economia

Newton Kleber de Thuin e Fernando Orotavo Júnior



"Há muito poucos monstros que merecem o temor que deles temos"
Andre Gide

Existem algumas espécies de animais, naturais do Norte da Europa e da Ásia Ártica, que realizam migrações constantes e, sob o comando de seu líder, jogam-se no oceano gelado e revolto, suicidando-se em massa. Tal comportamento é atribuído pelos cientistas como derivado da superpopulação da espécie, que provocaria uma desorganização crescente no seu sistema de defesa, tese que é complementada com a constatação de que, durante suas migrações, esses mamíferos roedores assistem à díziação de milhares de seus semelhantes por animais carnívoros e aves de rapina.

O suicídio, já dizia Camus em importante monografia, "é a única questão filosófica merecedora de reflexão". O passado é pródigo em exemplos de pessoas que se matam sem motivo aparente; suicidam-se grupos de pessoas, espécies de animais inteiras e, às vezes, até nações tentam este ato extremo, como recentemente no caso do Iraque, onde milhares de lemingos seguiram seu líder Saddam.

O Brasil vem tentando há bastante tempo o suicídio, com ligeira diferenciação no método escolhido, não tão violento como a opção iraquiana, mas nem por isso menos eficaz ou menos doloroso, apesar

□ Newton Kleber de Thuin é engenheiro e economista e Fernando Orotavo Júnior é advogado de instituições financeiras

de utilizar técnica mais lenta. Assim, ao invés da guerra de holocausto total, optamos por uma sistemática destruição de nosso mercado de capitais e persistente deterioração de nosso parque industrial, situação que perdura nos últimos dez anos como consequência da falta de capacidade crônica na administração da economia, por parte de nossos governantes.

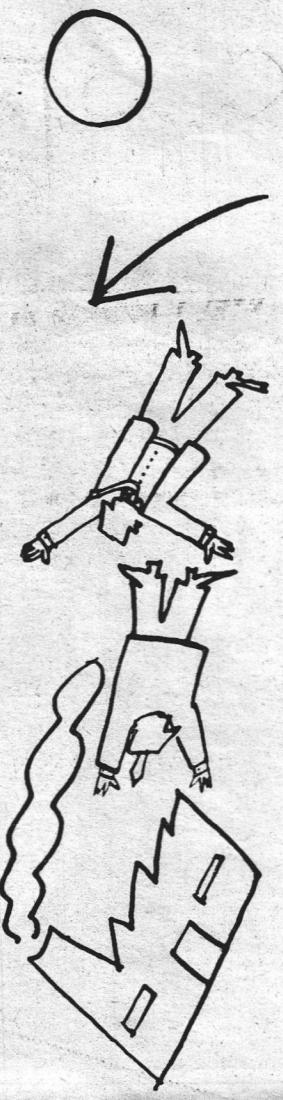
Toda vez que percebem sua incompetência para dominar as taxas inflacionárias, nossos economistas utilizam a estratégia de tirar da boca do sr. Keynes a afirmação de que o único meio de domar o "dragão" consiste na prática de juros reais altos, esquecidos de que a teoria do velho mestre foi concebida para situações, e, segundo parâmetros, completamente diferentes do cenário que temos neste lado do mundo subdesenvolvido.

Apesar de dez anos de experiências terem demonstrado fartamente que os juros reais altos alimentam a nossa inflação e bloqueiam nosso crescimento econômico, cada vez que a inflação mostra os dentes, nossos "economistas" tapam os olhos e os ouvidos e abrem a boca para ordenarem, o mais audível possível, "aumentem os juros reais".

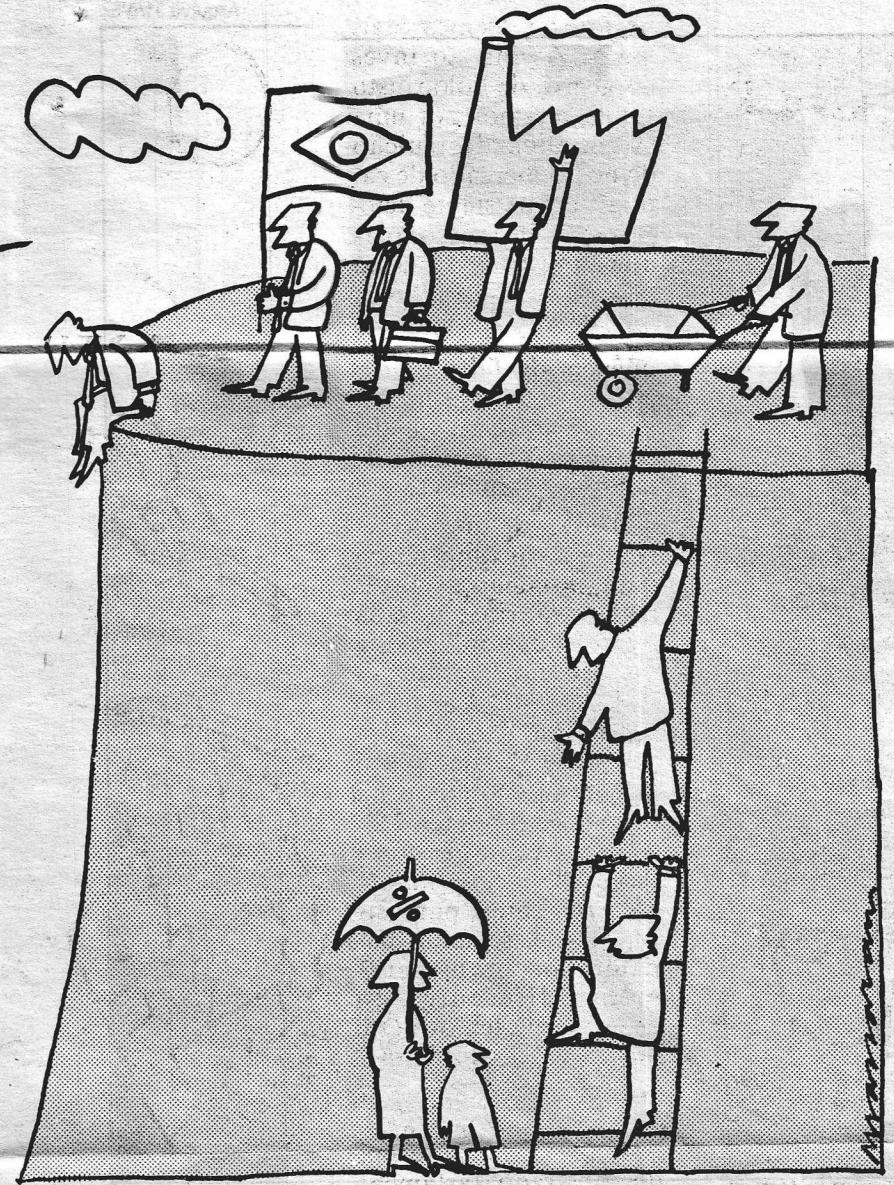
Tais berros geram sempre fatos constantes: o governo passa a ter os encargos de sua dívida brutalmente exagerados e os bancos se desinteressam pelos empréstimos ao público, preferindo desviar os recursos para os títulos públicos. Cessa, assim, a atividade primária dos bancos de fomento à indústria e ao comércio, preferindo-se a parceria com os "economistas", estimulando a inflação.

É verdade que Keynes preconiza a elevação dos juros reais como um dos instrumentos a serem utilizados para conter a inflação, porém, se refere explicitamente à "inflação de demanda", sendo certo ainda que exalta a necessidade de haver equilíbrio nas contas do governo, ressaltando, entretanto, com sua genialidade, que o equilíbrio no orçamento fiscal é um elemento agravador da recessão, lembrando que a queda na receita da renda exige corte nos gastos e investimentos públicos, o que, por sua vez, agrava ainda mais a recessão.

A política de juros reais altos não acaba com a inflação, ao contrário, apenas a fustiga, destruindo a capacidade produtiva da nação



É ele quem claramente ensina que uma política monetária muito rígida (juros altos) combinada com austeridade orçamentária deve ser encarada como um fator exacerbador da re-



cessão, da inflação, e, por via de consequência, das flutuações cíclicas. Tal fórmula tão perseguida pelos governos ditos responsáveis merece do mestre a opinião taxativa de que tais governos deveriam preocupar-se, em primeiro lugar, não com o equilíbrio fiscal e a inflação, mas com o desemprego.

Verifica-se que o ponto nodal de toda a questão brasileira está no agigantamento da inflação, na priorização de seu combate com remédios inadequados, comprovadamente ineficazes, como a política de juros reais altos, que já vimos não acabar com a inflação, ao contrário apenas a fustiga, enquanto o ponto crucial consiste exatamente em abolir-se o remédio inócuo que debilita o doente, destruindo a capacidade produtiva da nação, condenando milhões de brasileiros a viverem na condição de desemprego, subemprego, miséria falta de segurança e de esperança, e empurrando a nação ao suicídio econômico.

O desenvolvimento de qualquer nação capitalista passa necessariamente pelo incremento de programas tecnológicos e culturais e tem como base de sustentação o acesso das empresas ao mercado de capitais, objetivando a expansão, a pesquisa e o desenvolvimento político social e econômico.

A criação de novas empresas é a expansão dos mercados produtivos, depende basicamente do mercado de capitais, já que, ao analisar as alternativas de financiamentos disponíveis, é importante a escolha de alternativas mistas que minimizem os custos e os riscos.

Contrapondo-se às opções de financiamento de alto risco, do tipo empréstimo bancário em geral, lançamento de debêntures não conversíveis em ações ou *comercial paper*, o empresário conta com a alternativa de abrir seu capital por

meio das Bolsas de Valores ou via debêntures conversíveis, ou utilizar recursos próprios, os quais se revestem de um menor grau de custos e riscos.

Em um país de altíssimos riscos, onde ocorrem periódicos e constantes choques "hetero-orto-analfa-doxos", acompanhados de seqüestros de haveres financeiros, tabelamentos explícitos ou disfarçados, juros reais permanentemente na estratosfera, provocando o desvio do fluxo de poupança da atividade produtiva para aplicações em títulos governamentais, resta ao empresariado o investimento de capital próprio ou abertura de capital via Bolsa de Valores, àquele, se for um abnegado, um ingênuo, um exacerbado nacionalista. Os que param para pensar, que mantêm sã a consciência, não investem mais o seu capital na indústria ou no comércio.

Miami está aí mesmo para mostrar que 150 mil brasileiros já levaram para lá os dólares comprados no curioso mercado "black", que, apesar de ser teoricamente ilegal, tem sua cotação diária publicada nos maiores jornais do país. Desse, agora, negociantes em terra próspera e organizada que, inclusive, já incluiu o português como língua em seus currículos escolares, cerca de 50 mil possuem propriedades no valor de mais de 2 bilhões de dólares, capital que investido lá não ajuda a combater o desemprego aqui.

A outra opção restante, capitalizar via Bolsa de Valores, só é atraente quando o valor patrimonial das ações se aproxima ou é superado pelas cotações das Bolsas de Valores, situação que os juros reais altíssimos, a depressão econômica forçada e os constantes escândalos no mercado financeiro vêm impedindo de ocorrer, pois os preços forçados para baixo inviabilizam este mecanismo de financiamento e desenvolvimento econômico.

Se a maior parcela de culpa, cabe aos mentores das políticas econômicas governamentais impostas "goela a baixo" a nação, alguma responsabilidade tem a Comissão de Valores Mobiliários pela quase nula forma com que atua e pelo pálido grau de informações que divulga, praticamente obrigando as Bolsas de Valores a desconsiderar o pequeno empresário e o pequeno investidor, afastando-os do mercado, onde os donos de corretoras, preocupados com o dia-a-dia difícil de suas empresas, tentam sobreviver à enxurrada de normas governamentais, não dispondo de tempo e recursos para formar uma associação coesa que brigue

A prática do salve-se quem puder deixa aos empresários uma última forma de capitalização: aumentar abusivamente o preço de seus produtos

pelo aumento do número de lançamentos de ações.

Essa prática de "salve-se quem puder", deixa aos empresários apenas a última forma possível de capitalização: supervalorizar o preço de seus produtos, capitalizando-se em cima do povo consumidor. É triste concluir, que o empresário nacional é obrigado, para manter sua empresa, a aumentar abusivamente o preço de seus produtos, por conta da absoluta falta de mecanismos de financiamento no mercado de capitais.

É triste constatarmos que as mesmas pessoas, há 10 anos, sentadas na mesma sala, somente alternando cadeiras, pois variam os ministros, porém, permanecem os mesmos "técnicos" no Ministério da Economia, no Banco Central e nas repartições do Tesouro, bradam o mesmo slogan: juros altos, juros altos, juros altos.

É triste constatarmos que não percebem que tal atitude obriga os empresários, os industriais e os comerciantes a se capitalizarem por uma única e solitária forma: aumentando seus preços, acima de qualquer realidade. Não são os empresários, como pensa o governo, os gananciosos. São eles, técnicos, que em sua santa ignorância não conseguem combater o dragão da inflação.

Os mesmos técnicos que hoje defendem a desindexação dos salários, que impingem os congelamentos, os arrochos salariais, que pretendem aumentar arrecadação com aumento de alíquotas não com incremento de rendas, que usam em vão o nome de Keynes, quando pugnam por juros altos em economia de demanda contida, pretendendo conter com tal tolice a inflação. Deveriam preocupar-se, um pouco mais, em reler o mestre, especialmente a carta que endereça ao ministro das Finanças do Gabinete Poincaré (França — 1926, em *Essays in Persuasion*). "O governo deve deixar claro que os assalariados e os funcionários públicos não foram feitos para sofrer, e que leis devem ser editadas no sentido de aumentar os salários periodicamente, na mesma proporção do aumento do custo de vida."

Chega de milagres, chega de planos, chega de tolices. Vamos baixar os juros, viabilizando os investimentos para gerar empregos, que incrementarão as rendas, promovendo o aumento na arrecadação de impostos, que resolverá o problema do "déficit público", que se transformará em "superávit", que poderemos aplicar em projetos sociais, que trarão bem-estar ao nosso povo, que terá melhores condições assim de viver, de trabalhar, de gerar demanda e poupança, que capitalizará empresas via Bolsa de Valores, que quando estiverem elas fortalecidas por ações do governo, que aumentará os investimentos, que gerarão novos empregos, que incrementarão ainda mais os impostos, os investimentos sociais, nosso bem-estar, o que, finalmente, fulminará a inflação.

Essa, senhores, é a única ciranda que nos interessa, a todos nós; o resto é suicídio.

É triste notar que as mesmas pessoas estão há dez anos nos ministérios. Os técnicos não variam